

O SOM DO TEMPO, uma pesquisa de mais de 6 anos, é um projeto instalativo São badalos de sinos quebrados de dimensões variadas presos às paredes do espaço expositivo, alguns tensionados por esticadores, outros pendurados e alguns fixados na terra. Logo abaixo dos badalos suspensos ergue-se uma pirâmide de 9.000 kg de terra negra e 100kg de areia dourada, soterrando uma cadeira de alto espaldar.

Pela instalação são exibidos quatro vídeos de 7 horas cada, apresentando diferentes tipos de memórias a partir da constituição familiar da artista como um microcosmo etnográfico:

A ouvida e testemunhada: da avó alemã.

A apropriada construída através dos outros: da avó manauara, que a artista desconhece,

E o transe, o delírio.

A instalação transborda as paredes do espaço expositivo, pois é ativado pelo som da cidade - todos os vídeos estão sincronizados aos sinos das igrejas no entorno: a cada badalar de hora as imagens congelam e emudecem, e às 12:00 hrs. e às 18:00hrs., no badalar da Ave-Maria, tudo se apaga, deixando o espectador frente ao gigantesco aterramento.

O primeiro vídeo apresenta trechos do longa *No Paiz das Amazonas* de 1921. Produzido por Silvino Santos\*, fotógrafo e cinegrafista brasileiro a captar no início do século 20 importantes e controversos registros visuais da Amazônia. O filme, hoje político, foi apropriado e editado pela artista, intercalando seus trechos com imagens de vídeos de outros artistas\*. O som traz o trabalho do artista de Hong Kong, Samson Young\*, produzido através do prêmio Art Bazel BMW, veiculado na Radio Documenta 14, com sinos de 11 países que pesquisou. Uma memória apropriada, construída através do olhar dos outros.

O segundo vídeo apresenta a viagem à Ullersdorf an der Biele<sup>1</sup> e de sua mãe 20 anos antes. Ullersdorf na der Biele era uma cidade alemã onde hoje é a cidade polonesa de Oldrzychowice Kłodzkie, local onde vivia a família da artista. Uma história ouvida e vivida, mas que permanece congelada num tempo romântico.

Os dois outros vídeos apresentam um pequeno estábulo de animais na Polônia com o teto formado por abóbodas, onde andorinhas fizeram seus ninhos. Os vídeos são idênticos, porém um corre em câmera lenta. Imagens de uma memória de transe e delírio.

\* Todos os direitos de imagem e veiculação destas obras foram cedidas pelos artistas, inclusive por Samson Young. As imagens dos filmes de Silvino Santos já se encontram em domínio público.

O alcance auditivo dos sinos define territórios, fronteiras culturais, religiosas ou ideológicas, mas também conecta indivíduos, fontes de orgulho e lembranças coletivas e memórias particulares. Por seu cunho histórico, os sinos tem o poder de diminuir o tempo entre passado, presente e futuro num momento de suspensão.

Caminhando sempre juntos Coroa e Igreja, tornaram aqui os sinos forte e violentamente presentes por todo território, marcando as práticas da colonização brasileira.

*No Paiz das Amazonas* de 1921, filme produzido por Silvino Santos, fotógrafo e cinegrafista brasileiro a captar importantes e controversos registros visuais da Amazônia, apresenta uma realidade encomendada. O cineasta, ligado às elites locais, retratou a continuidade da política de colonização do Brasil. Financiado pelos seringueiros para reverter as notícias sobre o extermínio étnico dos indígenas vistos como entraves ao progresso, Silvino traz imagens, romantizadas para a época, mas que hoje chamam a atenção pela vasta exploração da natureza da região e da mão-de-obra local.

Na experiência O Som do tempo o primeiro vídeo apresentado intercala trechos de *No Paiz das Amazonas* com imagens de vídeos de outros artistas. Imagens reais e oníricas se misturam, num

devaneio de uma política de exploração e progresso, que ainda hoje, acredita que a abundante Amazônia existe para nos servir e sempre nos proverá.

O som, traz o trabalho do artista de Hong Kong, Samson Young, no qual cada comunidade reconta a sua memória em relação ao badalar do sino local, suspendendo o passar do tempo num transe de lembranças coletivas, felizes ou não.

O Segundo vídeo apresenta a viagem à Ullersdorf an der Biele<sup>1</sup> e de minha mãe 20 anos antes.

Dois outros vídeos apresentam um pequeno estábulo de animais na Polônia com o teto formado por abóbodas, onde andorinhas fizeram seus ninhos. Os vídeos são idênticos, porém um corre em câmera lenta. Imagens de uma memória de transe e delírio.

O Passado presente por toda instalação é atualizado pelo som. Quando os sinos batem, o espectador se depara com o congelamento das imagens e dos sons ou com o seu total apagamento, ficando frente ao gigantesco aterramento. O Passado não é só inserido, como atualizado. Ao, através do badalar dos sinos, sincronizar e relacionar as memórias de minha história pessoal, observada como um microcosmo etnológico, à memória histórica de colonização do País, perverto o tempo cronológico, atualizando e questionando a “evolução” dos projetos de progresso e desenvolvimento adotados.

<sup>1</sup>Ullersdorf an der Biele, Silésia, Alemanha, era uma aldeia alemã localizada na Baixa Silésia, hoje não existe mais, chama-se Odrzychowice Kłodzkie, e localiza-se em Śląsk, Polônia.

As casas da aldeia, divididas entre várias famílias, pertenciam ao Estado e por isso são vagarosamente reformadas. Muitas, por falta de recursos financeiros, ainda estão como deixadas pelas famílias alemãs em 1946. As duas que formavam a fazenda são habitadas por mais de 20 famílias polonesas. Diariamente registrei as construções ainda originais, que hoje abrigam entulho e andorinhas. Era Corpus Christi e os sinos me acompanharam por todo percurso.